

AS CAUSAS E OS PRINCÍPIOS DAS SUBSTÂNCIAS SENSÍVEIS EM *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES*

THE CAUSES AND PRINCIPLES OF SENSIBLE SUBSTANCES IN METAPHYSICS ARISTOTLE'S

Paulo Henrique Alves de Souza**

RESUMO

A investigação ontológica aristotélica tem por máxima a frase τὸ ὄν πολλαχῶς λέγεται. Sendo a investigação pelo sentido do ser revestida por preconceitos, o Estagirita não só restringe sua pesquisa a uma *usiologia* no que tange às substâncias sensíveis como aponta a primazia lógico-ontológica da οὐσία em relação aos outros modos de dizer o ser. Portanto, a pergunta “τὶ τὸ ὄν;” recebe uma nova configuração: “τίς ἡ οὐσία;”. Se queremos conhecer o ser, portanto, devemos buscar pela substância. E como conhecemos a substância? Segundo o Filósofo, se queremos conhecer algo, não devemos perguntar a coisa por si mesma. Antes, é preciso perquirir suas causas e seus princípios.

PALAVRAS-CHAVE: ser enquanto ser; substâncias; primazia; causas e princípios; sínolo.

ABSTRACT

Aristotle's ontological investigation is encapsulated by the phrase τὸ ὄν πολλαχῶς λέγεται. Since the investigation of the meaning of being is often clouded by preconceived notions, the Stagirite not only restricts his research to an *ousiology* concerning sensible substances, but also points to the logical-ontological primacy of οὐσία over other modes of saying being. Therefore, the question “τὶ τὸ ὄν;” takes on a new configuration: “τίς ἡ οὐσία;”. If we want to know being, we must seek the substance. And how do we know the substance? According to the Philosopher, if we want to know something, we should not seek to know the thing *in itself* alone. Rather, we must inquire into its causes and principles.

KEYWORDS: Being qua being; substances; primacy; causes and principles; composite.

* Comunicação recebida em 18/12/2024 e aprovado para publicação em 10/04/2025.

**Bacharel em filosofia pela PUC Minas. E-mail: ph.desouza2910@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A metafísica aristotélica gira em torno do conhecimento da verdade (ἀλήθεια), do sendo enquanto sendo, cujo saber deve se conquistar na busca pelos princípios (ἀρχαί) e pelas causas (αἰτιαί). Nesse sentido, Aristóteles, partindo duma verdade ontológica – que reconhece a existência das coisas (“este algo” – τὸδε τι) –, realiza uma investigação filosófica. Isso significa que, uma vez maravilhado (θαῦμα – θαῦμαξεν) diante das coisas existentes, o homem recorre à sapiência (σοφία) para tentar responder a pergunta acerca do sentido do *Ser*, ou melhor, do *Ser enquanto Ser* (τὸ ὄν ἢ ὄν).

Em face das teorias vigentes em sua época (pré-socráticos, pitagóricos e platônicos), Aristóteles propõe uma perspectiva diferente para investigar o ser. O Filósofo busca configurar a pesquisa ontológica a uma pesquisa usiológica, já que a pergunta pelo sentido do ser é a mais universal, a mais indefinível e a mais óbvia. Assim, é dito que a substância, dentre os múltiplos significados do ser, é primeira, a mais própria. “De fato, ela é a causa primeira do ser” (*Met.*, Z 17, 1041 b 25). Mesmo sendo a forma mais própria de se dizer o ser, a οὐσία também é multifacetada. Mas, como é possível saber a fundo em que consiste o fundamento ontológico? Aristóteles aponta que, para saber o que é a substância, é preciso conhecer suas causas e seus princípios. “Ora, não conhecemos a verdade sem conhecer a causa” (*Met.*, A 1, 993 b 23).

Nesse sentido, iluminados pelo livro Λ, percebemos que “três são as causas e os princípios: duas constituem um par de contrários, dos quais um é a forma, o outro a privação, o terceiro é a matéria” (*Met.*, Λ 3, 1069 b 35-37). Essa primeira concepção nos fornece um conhecimento acerca da geração da οὐσία sensível, e sobre aquilo que a faz ser uma coisa determinada, um indivíduo, um sínolo, a saber: sua matéria e sua forma.

Se analisarmos o ser apenas em uma perspectiva estática, tal conclusão bastaria. O Filósofo aponta, porém, que “quando se busca a causa, dado que as causas são entendidas em diversos sentidos, devem-se indicar todas as causas possíveis” (*Met.*, H 4, 1044 a 34). Portanto, o Estagirita pretende buscar, também, o que gerou tal coisa, de onde ela veio e para onde ela tende. Assim, o ser em sua perspectiva dinâmica, isto é, em seu devir, em suas mudanças, possui quatro causas próximas, a saber: causa material, formal, eficiente e final.

1 OS SIGNIFICADOS DE SUBSTÂNCIA PARA ARISTÓTELES

A investigação ontológica aristotélica se configura, conforme se verifica no livro Z, como usiologia, pois a substância, dentre os significados do ser e dentre as categorias, é tida como fundo ontológico e como primeira. Assim se expressa Aristóteles: “o que desde os tempos antigos, assim como agora e sempre, constitui o eterno objeto de pesquisa e o eterno problema: ‘que é o ser’, equivale a este: ‘que é a substância’” (*Met.*, Z 1, 1028b 5).

Não obstante as formulações de ser que Aristóteles aponta na *Metafísica* Γ, a saber: a) ser accidental (σιμβεβηκόσ); b) ser por si (καθ' αὐτό); c) ser como verdadeiro (ἀλέθησ) e não ser como falso (ψεῦδοσ); e d) ser como ato (ἐνέργεια ou ἐντελέχεια) e potência (δύναμισ), o Filósofo só restringe, definitivamente, seu objeto de pesquisa ao afirmar a primazia da οὐσία, como se verifica: “o ser primeiro, ou seja, não um ser particular, mas o ser por excelência é a substância” (*Met.*, Z 1, 1028 a 30). Mas, em que sentido a οὐσία, possui primazia em relação aos outros significados?

Segundo uma leitura de Gabriel Geller Xavier (2017), a substância na investigação aristotélica é primeira lógica e ontologicamente. No sentido lógico, pois somente dela há definição, como se verifica nas palavras do Estagirita: “é evidente que só da substância existe definição” (*Met.*, Z 5 1031 a 1). “As definições dos itens não substanciais envolvem a definição da substância, mas a definição dos itens substanciais não envolve nada além de sua própria descrição essencial” (Xavier, 2017, p. 110). Assim, perguntar pelo “que é” é buscar por uma definição da coisa perguntada. Ademais, “só existe definição quando uma noção exprime algo que é primeiro” (*Met.*, Z 1030 a 10), logicamente, a pergunta pelo ser equivale à pergunta pela οὐσία. Em um segundo sentido, a primazia da substância se destaca como fundo ontológico para todas as outras formas de ser. Aqui temos a substância como um algo determinado (τόδε τί) – seja enquanto indivíduo (σύνολον), ou enquanto forma (εἶδοσ) que determina a matéria (Xavier, 2017, p. 111). Mas, a que podemos atribuir o “título” de substância?

Em Z 3, Aristóteles apresenta¹ quatro possíveis significados para οὐσία: substrato (ὑποκείμενον), essência (τὸ τί ἦν εἶναι), gênero (γένεοσ) e universal (καθόλου).

¹ O Estagirita utiliza o verbo *δοκέω* (parecer bem, passar por, ser reputado como) na terceira pessoa do singular do presente do indicativo: *οὐσία δοκεῖ εἶναι* (*Met.*, Z 1028 b 35), o que reafirma o caráter investigativo da metodologia aristotélica. De fato, ao longo de Z, o Filósofo busca verificar a qual desses “candidatos” podemos atribuir, mais propriamente, o título de οὐσία. Posteriormente, em Z 13, o Estagirita omite o gênero e aponta o composto como οὐσία (*Met.*, Z 13 1038 b).

Em primeiro lugar, o nosso filósofo discorre sobre o substrato (δοκεῖ εἶναι οὐσία τὸ ὑποκείμενον), que pode ser entendido como o que não se refere a outro, mas ao qual tudo se refere, e analisa em que sentido ele pode ser considerado substância. De três modos diferentes pode se dar o substrato: como matéria (ύλη), como forma (εἶδος) e como composto de matéria e forma (σύνολον).

O segundo possível significado de οὐσία analisado por Aristóteles é o de universal (καθόλου), que se refere ao que é comum a muitos indivíduos; que não é separado e não existe por si. Nas palavras do Filósofo: “a substância primeira de cada indivíduo é própria de cada um e não pertence a outros; o universal, ao contrário, é comum: de fato, diz-se universal aquilo que, por natureza, pertence a uma multiplicidade de coisas” (*Met.*, Z 13 1038 b 10).

A partir de Z 4, Aristóteles avalia e considera a essência (ἐδόκει εἶναι τὸ ἦν εἶναι), que, sendo a melhor resposta à pergunta “o que é”, pode ser nominado “este algo” (um τόδε τι) como equivalência à substância (*Met.*, Z 3 1029 a 30). E como podemos compreender a essência?

“A essência de cada coisa é o que ela é por si mesma” (*Met.*, Z 4, 1029 b 15), é o que algo é *por si* em sentido estrito. Em outras palavras, é a coisa individual não só isenta de suas accidentalidades, mas também dos atributos que lhe são peculiares e que não entram na sua definição (as categorias). A fim de evitar ambiguidades² e assimilações com as doutrinas metafísicas precedentes, Aristóteles deixa claro que a essência não é uma pura forma separada e em si, isto é, que ela não está dissociada da matéria³: “com efeito, a coisa individual não parece ser diferente da própria substância, e dizemos que a essência é, justamente, a substância da coisa individual” (*Met.*, Z 5 1031 a 17-18). Nesse sentido, o significado do ser que mais propriamente indica a substância, tomado em seu sentido ontológico, trata do composto, do indivíduo. Mas, saber em que consiste a essência é o suficiente para conhecer a οὐσία?

2 AS CAUSAS E OS PRINCÍPIOS DAS SUBSTÂNCIAS

² Segundo Berti (2012, p. 102), a própria palavra εἶδος é ambígua, pois ora ela denota a espécie, ora a forma que determina a matéria. Portanto, Aristóteles é bem cauteloso ao dizer que a essência diz respeito a coisa individual, porque tal esclarecimento evita confusões com as doutrinas metafísicas precedentes (sobretudo platônicos e pitagóricos).

³ Pelo menos a essência das substâncias sensíveis, que é o objeto de pesquisa do Estagirita no livro Z. Em Λ, livro no qual será investigada a existência de substâncias suprassensíveis, vemos Aristóteles afirmar que “a essência primeira não tem matéria, porque é ato puro” (*Met.*, Λ, 1074 a 35).

Segundo o Estagirita, se queremos saber o que, de fato, é uma coisa, não devemos investigá-la por si mesma, mas sim por suas causas, pois “investigar a razão pela qual uma coisa é ela mesma é investigar nada” (*Met.*, Z 17, 1041 a 13-14). Assim, ao perguntamos o porquê de uma coisa ser ela mesma, devemos buscar a razão pela qual ela pertence a outra, conforme orienta o Filósofo “o que se investiga é justamente o seguinte: por que alguma coisa pertence a outra?” (*Met.*, Z 17 1041 a 25). Em outras palavras, se queremos saber o que é οὐσία – e, portanto, que é o ser –, devemos buscar pelas causas e pelos princípios das substâncias.

Em primeiro lugar, não obstante a uma primeira concepção, sintetizada no capítulo segundo do livro Λ que diz: “três são, portanto, as causas e os princípios: duas constituem um par de contrários, dos quais um é a forma, o outro a privação, o terceiro é a matéria” (1069 b 35-37), Aristóteles, nos livros Η e Θ, desenvolve a tese de que a matéria e a forma (e consequentemente a privação – στέρησις) são causas, em uma perspectiva dinâmica, isto é, identificadas como potência e ato (e impotência), respectivamente.

No processo de geração da substância sensível, é necessário que algo faça com que a capacidade de ser da coisa se transforme em existência efetiva, atualizada. E o que exerce tal determinação é justamente a forma. A matéria, quando determinada por uma forma, se torna meio pelo qual uma coisa passa de um contrário ao outro, ou seja, do ser potencial ao ser atualizado. De outro modo: “a matéria é em potência porque pode chegar à forma; e quando vier a ser em ato, ela se encontrará em sua forma” (*Met.*, Θ 8, 1050 a 15). Mas, como esse processo acontece? Conforme aponta Berti (2012, p. 148), na geração do ser, o substrato material passa de um estado de privação, isto é, de ausência da forma, a um estado de determinação pela forma.

Posteriormente, nos capítulos quatro e cinco do livro Λ, o Filósofo analisa justamente em que sentido as causas e os princípios se relacionam com as coisas causadas. Para ele “as causas e os princípios, num sentido são diferentes para as diferentes coisas; noutra sentido, considerados universalmente e por analogia, são os mesmos para todas as coisas” (*Met.*, Λ 1070 a 33). Sob esse viés, em uma perspectiva concreta e particular, as causas e os princípios são diversos para cada indivíduo. De fato, a matéria, a forma, a eficiência e a finalidade de homem não são iguais as da estátua, por exemplo. Mas, se olharmos analogicamente, todas as coisas causadas possuem uma matéria, uma forma, uma eficiência e uma finalidade.

“Ainda que todas as coisas derivem do mesmo elemento originário ou dos mesmos elementos originários, e ainda que a mesma matéria sirva de ponto de partida para sua geração, não se pode ignorar que existe uma matéria própria de cada coisa” (*Met.*, H 4, 1044 a 15 – 18). Ao determinarmos a causa de algo, devemos determinar não a causa remota, mas sim a mais próxima, conforme nota: “quando se pergunta qual é a matéria desta coisa determinada, não se deve responder que é o fogo ou a terra, mas deve-se indicar a matéria própria daquela coisa” (*Met.*, H 4, 1044 b 1-2).

Sabendo, pois, que a investigação aristotélica acerca da οὐσία sensível trata da coisa concreta, e levando em consideração que “se alguém possui a teoria sem a experiência e conhece o universal mas não conhece o particular que nele está contido, muitas vezes errará o tratamento, porque o tratamento se dirige, justamente, ao indivíduo particular” (*Met.*, A 1 981 a 20), para o conhecimento da οὐσία sensível “é preciso indicar as causas que são próximas” (*Met.*, H 4, 1044 a 35). E quais são as causas próximas para Aristóteles? São elas:

(1) num primeiro sentido, dizemos que causa é a substância e a essência. (2) num segundo sentido, dizemos que causa é a matéria e o substrato; (3) num terceiro sentido, dizemos que causa é o princípio do movimento; (4) num quarto sentido, dizemos que causa é o posto do último sentido, ou seja, é o fim e o bem (*Met.*, A 3, 983 a 27-33).

Ou seja, causa formal, material, eficiente e final.

Sabendo que a pergunta pelas causas é precedida pela constatação ontológica – pois não faz sentido indagar as causas de algo que não existe (enquanto τόδε τι) –, é possível afirmar que a forma, o que há de mais essencial na substância, é causa de determinação da matéria e, conseqüentemente, de identificação da coisa individual. “Na pergunta pelo porquê, busca-se a causa da matéria, isto é, a forma pela qual a matéria é algo determinado: e isto é, justamente a substância” (*Met.*, Z 17 1041 b 8-9). Portanto, podemos afirmar que “a essência de cada coisa é sua substância primeira” (πρῶτη οὐσία) (*Met.*, Z 7, 1032 b 1-2) é a forma.

Se analisarmos as coisas sensíveis em uma perspectiva estática, a matéria e a forma bastam para dizer o que são. Mas, uma vez analisadas em uma perspectiva dinâmica – tal como o Filósofo propõe, sobretudo no livro Θ –, isto é, em seu desenvolvimento, seu devir, seu processo de geração e corrupção, então a matéria e a forma não são suficientes para responder a pergunta τίς ἡ οὐσία. Assim, além das perguntas “de que é feito” ou “qual é a essência” – indagações que nos levam a investigação material e formal, respectivamente –

emergem outras, tais como “quem o gerou” ou “qual seu fim”. Essas, por seu turno, nos impulsionam a buscar pelas causas dinâmicas do ser, a saber: a motora e a final.

Nos capítulos 7-9 do livro Z, Aristóteles realiza uma análise do ser em seu devir, modo pelo qual a causa eficiente atua. O indivíduo provém da determinação da matéria por parte da forma; “o que se gera é o sínolo, denominado a partir da forma; e também fica claro que em tudo o que é gerado está presente a matéria, sendo que, por um aspecto, o que é gerado é matéria, por outro, é forma” (*Met.*, Z 8, 1033 b 15-20). Mas, o que causa o sínolo? É um processo intrínseco ao próprio ser gerado, isto é, a coisa gerada informa a si mesma, ou é extrínseco, isto é, causado por outrem? Segundo Aristóteles “o que se gera gera-se por obra de algo (e com isso entendo o princípio agente da geração), e provem de algo (que não é a privação, mas a matéria) e torna-se algo” (*Met.*, Z 8, 1033 a 25).

O que gera a coisa é chamado pelo Filósofo de causa eficiente ou causa motora, que, no processo de geração (mudança segundo a substância) é idêntico ao ser gerado pela forma. Mas, sabendo o que compõe as coisas e pelo que elas são geradas, ainda nos perguntamos: por que existem? Qual sua finalidade?

Em um primeiro momento, podemos dizer que a finalidade das coisas está relacionada ao motivo pelo qual tais coisas foram feitas, e por isso ela é considerada, também, princípio de movimento, conforme afirma o Estagirita: “o fim é o ato e graças a ele se adquire também a potência” (*Met.*, Θ 8, 1050 a 10). Posteriormente, é possível dizer que há fins que são intermediários, como por exemplo, o emagrecer em vista da saúde. Em todas essas perspectivas, para Aristóteles, a finalidade está vinculada com o bem (τὸ ἀγαθόν): “num quarto sentido, dizemos que causa é o oposto do último sentido, ou seja, é o fim e o bem: de fato, este é o fim da geração e de todo movimento” (*Met.*, A 3, 983 a 30). Nesse sentido, a finalidade diz respeito ao motivo pelo qual a coisa foi gerada. E este é o bem daquela coisa. Segundo o nosso filósofo, “certas coisas são causas como o acabamento e o bem de outras: aquilo em vista de que as coisas se dão é o melhor e tende a ser acabamento delas” (*Física*, II. 3, 195 a 24-25). Portanto, a finalidade das substâncias sensíveis corruptíveis está relacionada a atingir o motivo pelo qual elas foram feitas. E este é o bem de cada coisa.

CONCLUSÃO

O *Ser*, na perspectiva aristotélica, se diz de várias formas (τὸ ὄν πολλαχῶς λέγεται). Diante disso, o Filósofo busca restringir a pergunta pelo ser na passagem do “τὶ τὸ ὄν;” para o “τίς ἡ οὐσία;”. Neste processo, o Estagirita, inicialmente, toma quatro significados para sua investigação: 1) o ser como acidente (σιμβεβεκός); 2) o ser como verdadeiro e o não-ser como falso; 3) o ser por si (καθ’ αὐτό); e 4) como ato (ἐνέργεια) e potência (δύναμις). Posteriormente, aponta que, dentre os possíveis significados do ser, há uma primazia da substância (οὐσία), pois ela é o que há de mais próprio, de mais essencial nas coisas. “O que desde os tempos antigos, assim como agora e sempre, constitui o eterno objeto de pesquisa e o eterno problema: ‘que é o ser’, equivale a este: ‘que é a substância’” (*Met.*, Z 1, 1028b 5). Assim, na passagem do τὶ τὸ ὄν para τίς ἡ οὐσία, a ontologia aristotélica se configura como usiologia.

Sabendo que “não conhecemos a verdade sem conhecer a causa” (*Met.*, A 1, 993 b 23), é preciso buscar pelas possíveis causas e princípios das substâncias sensíveis. Em primeiro lugar, o Estagirita aponta em Λ 3 a matéria, a forma e a privação. Posteriormente, as quatro causas próximas, a saber: a causa material, a formal, a eficiente e a final.

(1) num primeiro sentido, dizemos que causa é a substância e a essência. (2) num segundo sentido, dizemos que causa é a matéria e o substrato; (3) num terceiro sentido, dizemos que causa é o princípio do movimento; (4) num quarto sentido, dizemos que causa é o fim do último sentido, ou seja, é o fim e o bem (*Met.*, A 3, 983 a 27-33).

Em suma, é possível perceber que a ontologia aristotélica se configura como usiologia, que é mais propriamente substância dentre seus vários significados, dos quais podemos buscar as causas e os princípios e, portanto, o que constitui o ser e o que lhe confere dinamicidade.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Física I-II**. Prefácio, tradução, introdução e comentários de Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Marcelo Perine. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BERTI, Enrico. **Estrutura e significado da metafísica de Aristóteles**. Tradução de José Bortolini. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

REALE, Giovanni. **Metafísica**: ensaio introdutório, Aristóteles. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

REALE, Giovanni. **Metafísica**: sumário e comentários, Aristóteles. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

XAVIER, Gabriel G. **Τίς ἡ οὐσία;**: o problema da substância a partir da última aporia de Beta da Metafísica de Aristóteles. Florianópolis. 2017. Tese (Doutorado em filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.